

Entrevista com Elias Mallet da Rocha Barros¹

Revista: Há 100 anos, em 1921, Melanie Klein abriu seu consultório para atender adultos e crianças em Berlim. Nesse mesmo ano escreve o livro *Desenvolvimento infantil*. Gostaríamos que o senhor, grande conhecedor dessa eminente psicanalista, nos passasse um pouco da sua visão sobre o desenrolar da teoria de Klein.

Elias M. da Rocha Barros: Prólogo – Fiquei um pouco assustado diante das perguntas em vista do fato de que cada uma delas abrange tantas questões que em si seriam o tema de um livro. Mais aflito ainda quando fui informado que poderia respondê-las em um ou dois parágrafos. Tarefa aparentemente pequena, mas se tiver que ser seguida à risca, seria hercúlea, pois resumir o impacto de MK em dois parágrafos é algo quase impossível.

Há adicionalmente um problema de perspectiva. O texto de Klein constitui uma obra aberta, ou seja, comporta muitas leituras de diferentes perspectivas e é muito marcado pela cultura psicanalítica de cada época. Que ângulo adotar? Histórico e relativamente neutro? Focado no HOJE de minha experiência? Há algum tempo, Elizabeth e eu escrevemos um texto sobre Melanie Klein, *Ontem, Hoje e Amanhã*, publicado no IJP². Nesse texto resumimos algumas dessas perspectivas.

Decidi que a única coisa que poderia fazer seria responder telegraficamente, indicando alguns pontos fundamentais.

Hoje, com o reconhecimento progressivo da importância de Ferenczi para a Psicanálise, detectamos nesse livro de 1921 a forte presença desse autor em Klein. O livro já contém esboçadas as três teses básicas do sistema futuro que vai se armar.

¹ Analista didata da SBPSP.

² Barros, E. M. R., & Barros, E. L. R. (2018). Klein yesterday, today and tomorrow: Reflections on her 1936 lectures on "Lectures on Technique", *The International Journal of Psychoanalysis*, 99 (4), 968-978.

Que teses são essas? 1) a do complexo de Édipo atuando a partir do desmame; 2) a da existência de um superego desde os primórdios da vida psíquica; e 3) a afirmação de que a transferência está sempre presente no encontro analítico. Igualmente notamos a presença no inconsciente daquilo que ela chamará de fantasia com *ph*, que implica numa vasta literatura sobre o funcionamento do mundo interno.

Mais importante talvez do que essas teses, está presente a ideia do afeto como estando no centro da vida psíquica. Estava implícito que o afeto **precisa** ser reavivado no presente de modo a se constituir numa experiência para ser apropriada pelo Ego como **sentido**. **Esta é uma tese central da psicanálise atual.**

Diria também que o trabalho de 1921 inaugura uma preocupação com a inibição afetiva e da capacidade de pensar como sendo fruto de defesas contra ansiedade produzida pelo excesso de agressividade. É o que Klein constata ao analisar Erich. A análise dos fatores de inibição se tornará central nas abordagens contemporâneas. A inibição afeta a capacidade de se viver plenamente.

Vemos ainda nessa obra a presença de certas ideias que sugerem uma semelhança com uma noção epistemológica introduzida por Bertrand Russel, que vai chamar de **conhecimento ostensivo, aquele baseado na experiência e que**, recentemente retomado por Ogden, foi descrito como parte de uma abordagem **ontológica da psicanálise**, ou seja, o tratamento psicanalítico visa à mudança psíquica através de insights baseados no *experienciar*.

Ainda um comentário final a esta questão. Detectamos no texto uma presença mais ampla de Ferenczi em seus aspectos metafísicos. Temos no texto uma preocupação subjacente com a questão da qualidade de vida e com o caráter globalizante da experiência.

É preciso dizer igualmente que se trata de seu texto inaugural, portanto cheio de limitações ao mesmo tempo que prenhe daquilo que seria a Melanie Klein de amanhã. Por fim, é mais fácil identificar nesse texto seu desejo de ampliar as descobertas de Freud sem se afastar dele do que a presença de Ferenczi que enfatiza a importância do afeto, da experiência emocional e introduz de forma explícita a questão de a psicanálise ter também por objetivo incrementar a qualidade da vida do paciente.

Revista: Como o senhor avalia a importância da Identificação Projetiva na clínica e seus desdobramentos entre os psicanalistas pós-kleinianos?

Elias M. da Rocha Barros: Meltzer em seus seminários de introdução ao pensamento de Melanie Klein na Tavistock no início dos anos 80 (há 41 anos atrás) predisse que a psicanálise iria se debruçar na fenomenologia da identificação projetiva nas próximas décadas. Ele estava certíssimo. Impossível falar nesta questão em um ou dois parágrafos.

O conceito de identificação projetiva gerou milhares de artigos e quase uma centena de livros. Esses números por si só falam do impacto dessa ideia na psicanálise.

Respondo a partir desse ponto, citando Elizabeth Rocha Barros: “Para mim um ponto central presente na noção de identificação projetiva está no fato de que ela, através dos processos que a constituem, envolveria escolhas e intensas negociações entre sujeito e objeto tanto no plano intrapsíquico quanto no intersubjetivo”. Estas negociações estão longe de seguir uma lógica unidirecional. A IP modifica a identidade e a percepção dos agentes envolvidos e se relaciona diretamente com a constituição da identidade de ambos os elementos da dupla e particularmente de como esta (identidade) é vivida. A questão no caso é saber quando o sujeito da identificação projetiva é sujeito de seus sentimentos e desenvolve o que Ogden chamou de I-ness (eu-idade) – ou quando é “*vivido por seus sentimentos*”, constituindo uma vivência no me-ness (mim-idade – melhor tradução para este neologismo) para usar uma terminologia do Ogden. A questão envolvida é a posição do Ego frente à experiência, ou seja, se ele a vive ativamente ou passivamente.

Klein (1946), ao sugerir que o paciente projeta **para dentro** da mente do analista e não **sobre** este, introduz a ideia de que o paciente **faz** alguma coisa com a mente do analista e nesse processo induz sentimentos associados frequentemente a **um convite à ação**, seja para que este sinta certos sentimentos, seja para que se engaje no desempenho de um determinado papel. Decorre dessa afirmação a progressiva incorporação às ideias psicanalíticas vigentes de que boa parte dos movimentos na sessão só podem ser compreendidos como fenômenos **intersubjetivos**. Essa proposição tem impacto direto na maneira como a contratransferência passa a ser vista do ponto de vista clínico. Na história dos conceitos psicanalíticos, poderíamos dizer que no início a contratransferência poderia ser vista como análoga a uma fotografia de um momento relacional. Posteriormente, com a evolução da compreensão da relação analítica como um processo inter-relacional-/bipessoal (Ferro,1995,1999), a contratransferência passou a ser comparada analogicamente a um filme, algo que resulta da movimentação de muitas fotografias.

Revista: Poderia nos explicar como ocorre o interjogo entre Identificação Projetiva e Identificação Introjetiva na clínica e na técnica psicanalítica?

Elias M. da Rocha Barros: Em poucas palavras, é impossível responder a esta questão de maneira sucinta. Ela contém toda a teoria kleiniana do funcionamento psíquico. Sugiro a leitura de alguns artigos de Meltzer e do livro sobre Klein de Elisa Ulhoa Cintra e de Luiz Claudio Figueiredo sobre o assunto.

Revista: Muitas ideias de Klein resultaram em controvérsias e divergências. Quais foram as mais significativas no meio psicanalítico?

Elias M. da Rocha Barros: Visto que se trata de um tema vasto, vou me limitar a telegraficamente citar os temas das controvérsias.

Começemos por citar a questão da pulsão de morte. De que maneira ela se associa à agressividade? À destrutividade? Seria mesmo uma pulsão? Poderíamos falar em **instinto de morte**?

Embora Klein tivesse uma especial aptidão para detectar construções simbólicas, diria que faltou a ela a noção de espaço transicional (Winnicott) para enriquecer sua visão.

A questão do papel da inveja e até mesmo da definição de que tipo de inveja ela estaria falando. Tenho para mim que ela estava preocupada com os mecanismos de defesa contra a inveja mais do que com a inveja propriamente dita. E inveja, no caso, seria aquela humilhação que faz o indivíduo se sentir pequeno diante de um objeto que noutra perspectiva estimularia admiração. Não se trata da inveja como desejo de obter algo que falta ao indivíduo ou ao pequeno ser humano.

Diria também que se de um lado ela contribuiu enormemente para a descrição das defesas maníacas, e dentre elas incluiu a questão da onipotência, faltou algo no que tange ao papel construtivo do sentimento de poder associado à onipotência.

O conceito de fantasia (com *ph* em inglês) inconsciente para mim é essencial. A psicanálise contemporânea tende a negligenciá-la. Talvez até devido à falta de um aprofundamento em relação à questão da aquisição de **sentido**. De certa maneira, podemos hoje pensar na fantasia inconsciente como uma espécie de **fôrma atribuidora ou organizadora de sentidos**.

Revista: Melanie e Anna Freud tiveram muitas discórdias **evidentes**?

Elias M. da Rocha Barros: Algumas controvérsias eram evidentes da época do simpósio e, hoje, são menos porque os Ana Freudianos se aproximaram muito de algumas concepções de Klein que na época geravam pesadas divergências. Os Ana Freudianos (e mesmo Anna Freud) se aproximaram de vários conceitos clínicos de Klein. Mais recentemente, sobretudo quando sob a direção de Joseph e Ane Marie Sandler, o Instituto Anna Freud convidou vários Kleinianos para lá ministrarem seminários, dentre eles Anna Alvarez e Elizabeth Spillius.

As mais salientes “divergências” seriam aquelas associadas à questão da presença da transferência e de seu *timing* e da análise da destrutividade. Klein defendia em sua técnica a presença da transferência desde o início do encontro analítico e enfatizava a importância de se interpretar a destrutividade sempre que esta estivesse presente no material.

Agora algo curioso: uma colega minha que muito prezo, Izelinda Garcia de Barros, diz algo que sempre me impressionou. Diz que quando o simpósio de 1927 é discutido entre os candidatas e nas reuniões científicas, TODOS se perfilam ao lado de Melanie Klein. MAS quando se examina o modo de trabalhar destas pessoas, quase TODAS trabalham como Anna Freud.

Qual o significado dessa constatação? Há duas possibilidades principais. A primeira, as noções de Klein sobre técnica analítica (e suas implicações metapsicológicas) nunca foram totalmente assimiladas de verdade pelos analistas por serem concepções muito complexas. E a segunda, o conceito de aliança terapêutica de Anna Freud nunca foi abandonado ou realmente compreendido em seus aspectos mais profundos.

Revista: Um dos famosos livros de Melanie foi *Inveja e gratidão*. O que a autora trouxe como contribuição para a psicanálise com essa obra?

Elías M. da Rocha Barros: Diria que a questão central presente nesse livro é a temática da humilhação. Em segundo (ou primeiro) lugar, mencionaria a questão de como a inveja paralisa o desenvolvimento mental, afetivo. O bebê (ou qualquer paciente) ao atacar por meio da identificação projetiva o objeto da inveja (aquele que o humilha) não favorece a cisão extensa entre objeto bom e objeto mau e, desta forma, não dá espaço para o Ego se desenvolver num espaço com menos tensão.

Não tenho espaço aqui para desenvolver mais amplamente a questão, mas diria que esse livro também abre espaço para várias análises de caráter social. Claro que não me refiro a análises simplistas sobre como a inveja opera como motor social. Refiro-me especialmente ao papel exercido pelos sentimentos de humilhação nas opções ideológicas. A humilhação afeta a noção de subjetividade, de sujeito, interfere na constituição de um sentimento de identidade própria, singular, e deixa os indivíduos vulneráveis a seduções simplistas e simplificadoras de líderes autoritários. Vide Brasil, Hungria, Polônia, Irã e o fenômeno Trump.

Também nesse livro está presente o conceito de elaboração psíquica, conceito este que Elizabeth e eu temos comparado a um processo metabólico.

Revista: Bion, Meltzer e outros pós-kleinianos também valorizavam o papel do objeto externo real?

Elías M. da Rocha Barros: Não creio que tenha entendido esta pergunta. Minha primeira reação seria dizer “Sim, claro”. Meltzer, Bion e os pós-kleinianos e bionianos valorizam o objeto externo, mostrando como este se torna parte do psiquismo com o qual se estrutura. Notemos, por exemplo, o conceito de continência, capacidade de continência, efeitos sobre o psiquismo etc.

Mas eu não diria que Melanie Klein negligenciou o objeto externo. Klein diz que é através da realidade externa que a criança testa sua realidade interna. Graças à análise aprofundada do objeto interno e de seu papel na constituição da subjetividade e do mundo interno hoje podemos melhor apreciar a função dos objetos internos que, por sua vez, são coloridos pelas projeções. A representação é um amálgama da concretude da existência do objeto interno e de seus coloridos identitários frutos de projeções múltiplas. A mãe real é percebida enquanto tal e como imago.

Elias, agradecemos imensamente tua disponibilidade em responder nossas perguntas. Na verdade, também gostaríamos que escrevesse uma revista inteira sobre Melanie Klein, mas sabemos dos teus imensos compromissos com a psicanálise e essas tuas palavras já foram de muito valor para nos fazer pensar.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos